



MINHA CURA, TE CURA?

UMA PERFORMANCE VIVA, TAL QUAL O CORPO, TAL QUAL O TRANSE

MON MÉDICAMENT, EST-CE QUE ÇA TE GUÉRIT?

UNE PERFORMANCE VIVANTE, COMME LE CORPS, COMME LA TRANSE

Lirith Macário dos Santos¹
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Associade ANPAP: não

Resumo: A proposta de performance *Minha cura, te cura?* nasceu dentro do componente Imagens e Mídias II ministrado pela Professora Doutora Mariana do Vale no curso de Artes Visuais da UFRN. A ação performática ganha vida em meio ao espaço urbano, caótico e cacofônico, que é quebrado pela paisagem natural, onde meu corpo profere as violências que lhe atravessam numa transição para o contato com o sagrado ancestral culminando num benzimento coletivo dos presentes na força do Orixá Omulu.

Palavras-chave: Processo. Performance. Identidade. Cura.

Sommaire: La proposition de performance *Mon médicament, est-ce que ça te guérit?* est née dans le cours de l'Images et Médias II enseignée par la professeur Mariana do Vale dans le Licence Arts Visuels de l'UFRN. L'action performative gagné vie au milieu de l'espace urbain, chaotique et cacophonique, brisé par le paysage naturel, où mon corps exprime la violence qui le traverse dans une transition vers le contact avec l'ancêtre sacré, culminant dans un collectif bénédiction des personnes présentes dans la force de l'Orixá Omulu.

Most-Clés: Processus. Performance. Identité. Guérir.



Uma Performance Viva, tal qual o Corpo, tal qual o Transe

Identidade: palavra que me afeiçoei tanto e que sentia constantemente presente em minhas produções, mas que percebi que, na verdade, trata-se de uma imensa inquietação. Como falar de Identidade? Logo eu, que a todo momento me percebo perdida o bastante a ponto de não me conhecer e adoecida o suficiente para não conseguir me encontrar?

Seria eu, as violências que me atravessam? As minhas dificuldades? Meus gostos e minhas crenças? O meu corpo adoecido?

É a partir dessas inquietações que vem a performance intitulada *Minha cura, te cura?*, como uma necessidade multissensorial de externar as dores, minhas dores, e propor diferentes reflexões acerca do adoecimento psíquico causado pelas mais diversas formas de violências e preconceitos que me atravessam. Durante a ação tratei sobre a minha aparência enquanto pessoa alternativa adepta a subcultura gótica, bem como as violências raciais, presentes desde a infância, neurodivergência, enquanto pessoa com TEA² e TDAH³, e LGBTfobia, que somadas, resultam em muitos processos de abandono, inclusive por parte dos meus genitores.

Por esses tantos processos é difícil sentir que pertenço a algum lugar e, ao meu ver, é por isso que o Terreiro aqui, em Diáspora, é mais que um espaço de culto religioso, é um local de acolhimento e exerce uma função social e identitária extremamente importante a tantos descendentes de povos africanos que passam a vida adoecidos das mais distintas formas. Então, como não falar? Como não atrelar arte e religiosidade ancestral? Nesse ponto, muito influenciada por artistas como Rosana Paulino, Charlene Bicalho⁴ e BRASILEIRO (2020-2021), e alinhada às produções teóricas de outras, como KILOMBA (2017) e MOMBAÇA (2021) assumo que, assim sendo, não é possível desvincular-me, tal qual a arte, a negritude, a sexualidade e a neurodivergência que me habitam.

Nesse sentido, o processo performático foi bastante similar ao transe, uma vez que a imersão faz com que o corpo crie Vida e Consciência própria, as ações foram saindo, jorrando do modo e ritmo que se faziam necessários. De maneira espontânea, ia me livrando do peso e da aparência do dia a dia para um contato com o sagrado ancestral, por meio dos elementos, fazendo também uma transição das palavras que saiam da minha boca, me voltando para o idioma Yorubá, me curvando aos elementos sagrados: *ayê, omi, ori, ewé* e o *deburu*⁵, até por fim, ter me banhado, acolhido e vestido, apresentando meu constante processo de cura por meio das religiões de matriz africana.

A experimentação performática ofereceu, também, múltiplas experiências aos espectadores que participaram com suas próprias subjetividades, desde suas dores enquanto vítimas de alguma violência similar, à reflexão sobre seus atos enquanto possíveis agressores, podendo, ainda, ter despertado outras reações como a intolerância, pois ao final todos passaram por um processo de ritual coletivo, um benzimento ancestral na força do orixá Omulu, senhor da terra, das doenças e da cura.

Em suma, é importante pontuar que estou lidando com a cura enquanto processo contínuo e ritual que vivencio e preciso recorrer frequentemente, por isso escolhi o benzimento que, além de ser uma prática ancestral tem esse movimento contínuo, ao mesmo tempo que cura, adocece a benzedeira, não lidando como algo imediato e definitivo, que é, em grande parte, o estereótipo atrelado ao imaginário da palavra *cura*.



Imagem 1. Lee dos Santos⁶, sem título, Digital, 2,7MB, Natal, 2024.

Foto: Mariana Cabral, 2024



Imagem 2. Lee dos Santos, sem título, Digital, 5,0MB, Natal, 2024.
Foto: Mariana Cabral, 2024.



Imagem 3. Lee dos Santos, sem título, Digital, 2,2MB, Natal, 2024. Foto: Mariana Cabral, 2024.



Imagem 4. Lee dos Santos, sem título, Digital, 2,6MB, Natal, 2024. Foto: Mariana Cabral, 2024



Imagem 5. Lee dos Santos, sem título, Digital, 2,7MB, Natal, 2024.

Foto: Mariana Cabral, 2024.



Imagem 6. Lee dos Santos, sem título, Digital, 1,6MB, Natal, 2024. Foto: Mariana Cabral, 2024



Imagem 7. Lee dos Santos, sem título, Digital, 2,1MB, Natal, 2024. Foto: Mariana Cabral, 2024



Imagem 8. Lee dos Santos, sem título, Digital, 2,0MB, Natal, 2024.

Foto: Mariana Cabral, 2024



Imagem 9. Lee dos Santos, sem título, Digital, 3,1MB, Natal, 2024.

Foto: Mariana Cabral, 2024



Imagem 10. Lee dos Santos, sem título, Digital, 3,3MB, Natal, 2024.

Foto: Mariana Cabral, 2024

Referências

KILOMBA, Grada. A máscara. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 11, p. 26-31, nov. 2017. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/a-mascara/>

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. Ancestralidade sodomita, espiritualidade travesti. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 14, p. 40-47, jul. 2020. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/ancestralidade-sodomita-espiritualidade-travesti/>

BRASILEIRO, C. Tornar-se imensurável: o mito Negro Brasileiro e as estéticas macumbeiras na Clínica da Efemeridade. Tese (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 59-90. 2021.

CARDOSO, Renata Gomes; BARCELOS, Jaine Muniz. “Onde você ancora seus silêncios?” - uma análise dos processos de criação em Rosana Paulino e Charlene Bicalho. Prêmio Pipa, Rio de Janeiro, p. 1-10, ago. 2021. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/charlene-bicalho/>

MOMBAÇA, Jota. Na quebra, juntas. In: MOMBAÇA, Jota. Não Vão Nos Matar Agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. Cap. 1, p. 21-26.

MOMBAÇA, Jota. O mundo é meu trauma. In: MOMBAÇA, Jota. Não Vão Nos Matar Agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. Cap. 0, p. 27-34.

Notas

¹ Graduanda de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), foi bolsista monitora em História da Arte nos anos de 2022 e 2023. Como artista participou da exposição de Gravura Voo, de 2022, com obras de temáticas afro-religiosas ancestrais, o que lhe rendeu participação no catálogo publicado da exposição. Natal, Rio Grande do Norte RN, Brasil. E-mail: lirith.santos.121@ufrn.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2739-7734>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7532542024043906>.

² Transtorno do Espectro Autista.

³ Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade.

⁴ Ênfase no trabalho de CARDOSO e BARCELOS (2021) sobre o processo de criação das artistas Rosana Paulino e Charlene Bicalho.

⁵ Palavras em yorubá: ayê: terra; omi: água; ori: cabeça; ewé: folha; deburu: Flores sagradas do orixá Omulu, a pipoca.

⁶ Pseudônimo adotado para trabalhos artísticos.